

Dossiê – Metodologias de Pesquisa em Psicanálise: Caminhos, Paradoxos e Impasses.

**Entrevistas semiestruturadas em pesquisa psicanalítica:
uma aposta na emergência do sujeito do inconsciente**

Maycon Rodrigo da Silveira Torres¹

Matheus Coutinho dos Santos Alves²

Resumo

A pesquisa em Psicanálise tem sua gênese na descoberta do inconsciente por Freud, que instituiu a associação livre e o estudo de caso como dispositivos fundamentais para articular tratamento e investigação. Este artigo tem por objetivo examinar a pertinência do uso de entrevistas semiestruturadas em pesquisas orientadas pela Psicanálise. Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre os métodos de pesquisa empregados por Freud e retomados por Lacan, bem como de trabalhos contemporâneos que discutem a articulação entre entrevistas semiestruturadas e Psicanálise. A teoria psicanalítica avança a partir da singularidade de cada caso, que simultaneamente desafia e enriquece o corpo conceitual universal. Ao postular que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, Lacan introduz ferramentas topológicas que formalizam a teoria, deslocando o saber psicanalítico da interpretação de significados para a análise das estruturas lógicas que regem o discurso do sujeito. Nesse sentido, a transmissão do saber psicanalítico por meio do artigo científico apresenta desafios metodológicos. Observa-se uma tensão entre a especificidade da metodologia psicanalítica e as exigências dos comitês de ética em pesquisa, sobretudo no contexto brasileiro. Normas como o consentimento informado e a confidencialidade colocam obstáculos à publicação de casos clínicos, recurso central da Psicanálise. Como alternativa possível no cenário acadêmico atual, propõe-se o uso de entrevistas semiestruturadas, que permitem o acesso à fala do participante, preservam a ética psicanalítica e sustentam o compromisso com o avanço da teoria, ao apostar na emergência do sujeito do inconsciente por meio da pluralização das formas de enunciação.

Palavras-chave: Pesquisa qualitativa. Entrevista semiestruturada. Discurso. Enunciação. Pesquisa em Psicanálise.

1 Psicólogo. Doutor em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor adjunto de Psicologia Clínica e Saúde Mental (UFF). Vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (UFF). Membro do Laboratório de Psicanálise e Laço Social (Lapso/UFF) (Rio de Janeiro, Brasil). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9479-7521>. E-mail: mrstorres@id.uff.br. Funções de colaboração: Conceitualização. Investigação. Administração de projetos. Supervisão. Redação. Redação – revisão e edição.

2 Psicólogo. Mestrando em Estudos da Subjetividade pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Bacharel em Psicologia pela Faculdade Maria Thereza (FAMATH) (Rio de Janeiro, Brasil). Especialização em andamento em Espiritualidade e Estudos da Consciência (PUC-RS). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8637-3777>. E-mail: macountinho@gmail.com. Funções de colaboração: Conceitualização. Investigação. Redação. Redação – revisão e edição.

Introdução

A gênese do método de pesquisa em Psicanálise está intrinsecamente articulada à descoberta do inconsciente por Freud no início do século XX. A própria constituição do campo psicanalítico emerge de uma mudança metodológica no tratamento da histeria, na qual o sintoma, antes visto como uma resistência ao saber médico, passa a ser compreendido como portador de uma verdade sobre o desejo inconsciente do sujeito. A evolução da práxis freudiana, partindo da hipnose catártica e passando pela sugestão como forma de contornar a resistência, culminou na associação livre. Esse método, fundamentado na hipótese da sobredeterminação inconsciente do discurso e representado pelo convite “fale tudo o que lhe vier à cabeça”, estabeleceu a base da clínica e, conseqüentemente, da pesquisa psicanalítica (Freud, 1924/2006).

Um postulado fundamental da Psicanálise é que tratamento e pesquisa são indissociáveis. Conforme a proposta de Freud (1924/2006), a Psicanálise é uma práxis sustentada a partir de três eixos inseparáveis: um procedimento para a investigação de processos mentais, um método de tratamento baseado nessa investigação e, por fim, uma nova disciplina científica que emerge da coleta dessas informações. Isolar qualquer um desses níveis implica sair do campo psicanalítico, pois a paralisia em um plano acarreta a paralisia nos demais. Essa unidade se manifesta na clínica, na qual a inclusão do analista no campo, por meio do manejo da transferência, não o posiciona como um observador externo, mas como parte integrante do processo de produção de saber. Nesse sentido, a própria prática analítica é uma investigação, e Freud estabeleceu o estudo de caso como o veículo primordial para o avanço teórico. Por um imperativo ético, ele defendia que a escrita do caso ocorresse somente depois da conclusão do tratamento, evitando que a elucubração teórica interferisse na condução clínica. É dessa forma que a teoria psicanalítica se constrói: a partir do singular de cada caso, que interroga e tensiona o corpo teórico universal, sustentando a difícil articulação entre clínica e ciência ao avançar sobre o real que a Psicanálise desvela.

A proposta de Lacan (1953/1998) de retomar a Psicanálise a partir da função e do campo da linguagem resgata o fundamento da fala como o pilar da prática analítica. Ele adverte que negligenciar a linguagem transforma a técnica em mera receita, o que esvazia a experiência de seu potencial de intervenção e de produção de saber. Nessa perspectiva, o inconsciente não é uma instância primitiva, mas sim um capítulo censurado na história do sujeito, uma verdade que, embora recalcada, pode ser resgatada por já estar escrita em outros lugares da trama simbólica que o constitui.

Destarte, é válido recorrer à distinção feita por Lacan (1957-1958/1999) entre o dizer do presente, que remete à tentativa de localizar no tempo e no espaço a presença de quem fala no discurso reduzido em nível da mensagem, e o presente do dizer, que corresponde à presença viva do discurso, a ponto de algo se presentificar para além do enunciado. Assim, mais do que registrar o conteúdo do que é dito, importa atentar à emergência do dizer como aquilo que se realiza na fala, “na medida em que aquele que o sustenta apaga por completo seu presente. Seu presente é, por assim dizer, inteiramente situado no presente do discurso” (p. 66).

Seguindo a trilha de Freud, que já buscava a sobredeterminação do sintoma em sua linhagem simbólica, Lacan (1953/1998) radicaliza essa noção ao afirmar que “o sintoma se resolve por inteiro numa análise linguageira, por ser ele mesmo estruturado como uma linguagem, por ser a linguagem cuja fala deve ser libertada” (p. 270). Essa compreensão do sujeito e de seus sintomas como fenômenos de linguagem autoriza o psicanalista a aplicar sua escuta a outras manifestações discursivas para além da clínica, como as entrevistas, vislumbrando um horizonte em que a “onipresença do discurso humano talvez possa, um dia, ser abarcada sob o céu aberto de uma onicomunicação de seu texto” (p. 267).

Com base nos escritos de Lacan (1967/2003), é possível argumentar a favor de uma aplicação da Psicanálise para além do ambiente clínico, em diálogo com outras formas de trabalho que incidem sobre o sujeito do inconsciente. Lacan distingue a Psicanálise em intensão, voltada à formação de analistas, da Psicanálise em extensão, que se refere à função de tornar a Psicanálise presente e atuante no mundo, isto é, de dar lugar ao sujeito do inconsciente e seu desejo em relação à produção de laço social. Essa necessidade de levar a Psicanálise ao campo social e cultural se justifica, em parte, porque as próprias instituições psicanalíticas se fundam sobre um Real que, paradoxalmente, tende a gerar o seu próprio desconhecimento ou até mesmo uma negação sistemática.

A abertura para a extensão é viabilizada pela concepção lacaniana de que a Psicanálise não pode ser definida por um objetivo terapêutico de restauração de um estado primário, uma definição que ele considera impossível para a prática analítica. Ao desvincular a Psicanálise de uma finalidade puramente curativa, abre-se a possibilidade de seu método, centrado na estrutura de linguagem do inconsciente, ser aplicado a diversos fenômenos sociais e culturais. O propósito seria, portanto, constituir a Psicanálise como uma experiência original que leva o sujeito a confrontar sua finitude, permitindo assim o surgimento de um saber *a posteriori*, um efeito de temporalidade que é radical à experiência analítica, seja ela no divã, seja em outros contextos (Lacan, 1967/2003).

Essa centralidade da linguagem implica, tanto para Freud quanto para Lacan, uma subversão do status do sujeito: ele não é o mestre da linguagem, mas um efeito dela. O sujeito do inconsciente não corresponde a uma unidade autônoma e consciente de si, mas emerge justamente nos pontos de fratura do discurso, ou seja, em seus ditos, equívocos e esquecimentos. A Psicanálise, a partir de sua prática clínica, demonstra que a condição humana como ser falante é marcada por pontos de opacidade, manifestados em sintomas, atos-falhos, sonhos e atuações. Tais formações do inconsciente revelam que não é o eu quem comanda a fala, mas que o sujeito é falado por um Outro, confirmando a máxima de que é Outro que fala (Lacan, 1964/2008).

Desde o início de sua carreira, Freud (1905/2006a) demonstrou preocupação e um tom de revolta com o uso que poderia ser feito dos casos clínicos, não como contribuição à clínica, mas como um “roman à clef destinado a seu deleite particular” (p. 17). Para responder a isso, assegurou que “todos os casos clínicos que eu venha a publicar no futuro serão protegidos contra sua perspicácia por garantias semelhantes de sigilo, muito embora este propósito imponha restrições extraordinárias a minha disponibilidade do material” (p. 17). Entretanto, ao longo do século XX, testemunhou-se transformações paradigmáticas na ética

em pesquisa, impulsionadas por um discurso sobre direitos humanos universais e pela reação a experimentos controversos, que suscitaram questionamentos sobre o lugar do participante na produção de conhecimento. Esse movimento resultou na institucionalização de comitês de ética de pesquisa com seres humanos para proteger os voluntários e regular a prática científica, impondo um desafio direto à metodologia psicanalítica, especialmente na tensão entre a propriedade da história do sujeito e os limites do sigilo profissional em relação à necessidade de publicização do caso.

No Brasil, a normatização inicial com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) n.º 196/1996 estabeleceu as primeiras diretrizes e criou os Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs), colegiados interdisciplinares e independentes. Contudo, um grande desafio emergiu quando essas normas, originárias da pesquisa experimental, foram aplicadas à pesquisa qualitativa sem as devidas distinções. A Resolução CNS n.º 466/2012 regulamentou os CEPs e a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Sistema CEP/Conep). Pesquisadores de Humanidades enfrentaram um olhar avaliador alinhado à metodologia quantitativa, resultando em entraves como avaliações contraditórias, pareceres dissonantes e uma compreensão cartesiana da ciência que não se adequava à complexidade das Ciências Humanas e Sociais.

Reconhecendo essas especificidades, a Resolução CNS n.º 510/2016 foi aprovada, tornando-se um marco para as pesquisas na área. A nova norma admite a pluralidade de perspectivas teórico-metodológicas das Ciências Humanas e Sociais, que lidam com atribuições de significado, práticas e representações, e cujos riscos são de natureza distinta. Crucialmente, a Resolução determina que a avaliação do Sistema CEP/Conep deve incidir apenas sobre os aspectos éticos dos projetos, e não sobre o mérito científico ou desenho metodológico (Guérios, 2021).

Esse dilema é intensificado pela contemporaneidade digital. A democratização do acesso à produção acadêmica, por meio da internet, removeu os trabalhos psicanalíticos dos limites restritos dos consultórios e dos círculos acadêmicos, tornando-os acessíveis ao público geral. Com isso, cresce o risco de que pacientes se reconheçam em relatos de caso, levantando questões cruciais sobre o consentimento e a autorização para publicação. Ainda assim, estudo, relato ou construção de caso continua sendo a metodologia comumente utilizada nos esforços de pesquisa em Psicanálise no Brasil, dada a sua gênese histórica no contexto psiquiátrico de onde advém a herança psicanalítica (Pinto, 2009). Embora mantenha grande relevância, as investigações conceituais associadas aos relatos de caso são feitas em tom personalizado e subjetivo, levantando complexidade perante as demandas do discurso universitário e o tensionamento com as novas concepções sobre o direito dos participantes. Afinal, o próprio Freud (1901/2006) alertou que para demonstrar a origem inconsciente de fenômenos “quase sempre é necessário expor a biografia completa da pessoa em questão” (p. 37).

A Psicanálise irrompe com uma via própria, irreduzível à plena conciliação entre a experiência do sujeito e as formalizações matemáticas da ciência. Tentar submeter o sujeito a essa abordagem acarreta o risco de erros, como desconsiderar a enunciação em sua relação com a própria formulação científica. O sujeito com o qual a Psicanálise opera é, de certo modo, um efeito da divisão instaurada pela própria ciência, o que permite concluir que “um único sujeito é aceito nela como tal, aquele que pode constituí-la científica” (Lacan, 1966/1998, p. 873).

Essa tensão fundamental se manifesta atualmente nas exigências dos comitês de ética em pesquisa. A demanda por garantias de que nenhum mal será feito ao participante, exigindo seu consentimento livre e esclarecido, entra em conflito com a tradição psicanalítica de produção de conhecimento. O problema não é novo. Freud (1905/2006a) já enfrentava críticas sobre a publicação de casos clínicos e, por isso, estabeleceu a ética de que a escrita do caso só deveria ocorrer após o término do tratamento.

Se o comitê de ética opera em direção a um real gangrenado pelos instrumentos e números enquanto semblantes do discurso da ciência, a clínica psicanalítica se orienta para o Real próprio do inconsciente (Miller, 2006). Essa distinção se apoia no conceito de semblante, que tem a função de velar o Real. Contudo, é preciso lembrar que a própria ciência partiu de aparências, como afirma Lacan (1971/2009): “Se há um discurso sustentável, ou pelo menos sustentado, nominalmente chamado de discurso da ciência, talvez não seja inútil nos lembrarmos de que ele partiu, muito especialmente, da consideração de aparências” (p. 15).

Por conseguinte, a clínica psicanalítica indica que, na ausência de garantias absolutas, o que se sustenta é uma posição ética. A escrita de casos clínicos, método privilegiado e original para a pesquisa em Psicanálise, confronta-se com desafios específicos ao ser levada ao contexto universitário, principalmente na sua relação com os comitês de ética. Sendo uma prática que serve para interrogar a teoria e como uma elaboração necessária para o próprio analista, sua natureza de “reconstituição fictícia” entra em tensão com as exigências da pesquisa formal. Essa articulação com a ética em pesquisa, acentuada por críticas históricas sobre a fidedignidade dos casos freudianos, impõe a consideração de mecanismos regulatórios, exigindo que o pesquisador submeta seu projeto a um comitê de ética, preserve a identidade do paciente e utilize casos clínicos já encerrados. Além disso, o rigor ético-metodológico demanda um aprofundamento dos operadores teórico-clínicos e a orientação para trabalhar com fatos clínicos em detrimento de dados clínicos extensivos. Dessa forma, a construção do caso clínico para pesquisa se dá em um campo de implicações éticas e políticas, no qual a impossibilidade de tudo dizer/escrever, inerente à transmissão psicanalítica, é perpassada pela responsabilidade de uma comunicação que atenda aos padrões institucionais dos Comitês de Ética (Lebrego & Pena, 2021).

Mediante a diversidade da abordagem psicanalítica nas pesquisas desenvolvidas na interface entre políticas públicas e a universidade, as pesquisas qualitativas com o uso da ferramenta metodológica de entrevistas têm ganhado cada vez mais espaço. A entrevista semiestruturada, no contexto da Psicanálise, adota uma estratégia clínico-interpretativa para a produção de dados, utilizando entrevistas que permitem a coleta de narrativa livre. O objetivo é valorizar os aspectos qualitativos e descritivos da experiência dos participantes. As perguntas são formuladas para servirem como estímulos, promovendo uma narrativa que integra o presente com o passado e o futuro da vivência subjetiva. A análise não se restringe ao conteúdo verbal; elementos paralinguísticos, como tom de voz, pausas e entonação, são cuidadosamente registrados, pois são vistos como analisadores relevantes do discurso (Muylaert et al., 2014). Assim, as entrevistas são concebidas como ferramentas cruciais que possibilitam o acesso à fala do participante, transformando-a em produção de dados do fenômeno (Mendes & Paravidini, 2020).

Diante desse contexto, o presente artigo tem como objetivo discutir de que maneira o método psicanalítico se sustenta e se reinventa diante dos modernos dispositivos éticos e de controle social. Buscamos investigar como a produção de conhecimento em Psicanálise pode conciliar o rigor ético da confidencialidade e do respeito ao sujeito com o compromisso de fazer avançar a teoria. Para tanto, elegeremos como campo de análise a utilização de entrevistas, especificamente as semiestruturadas, como um possível dispositivo para fundamentar e instrumentalizar a pesquisa psicanalítica no cenário acadêmico atual.

Breve revisão dos métodos de pesquisa em Psicanálise

A aplicação do método psicanalítico à cultura cumpria dupla função estratégica. Por um lado, servia como um campo de validação e universalização das descobertas feitas na clínica. Ao demonstrar que o Complexo de Édipo, por exemplo, não era uma idiossincrasia de seus pacientes vienenses, mas uma estrutura fundamental da condição humana, presente na tragédia grega e nos mitos fundadores das civilizações, Freud podia reivindicar um estatuto de universalidade para suas teses. Por outro lado, a análise da cultura retroagia sobre a própria teoria, enriquecendo-a e fornecendo-lhe novos modelos e metáforas para pensar o psiquismo: “as obras de arte exercem sobre mim um poderoso efeito, especialmente a literatura e a escultura e, com menos frequência, a pintura” (Freud, 1913/2006, p. 143). A relação entre a clínica e a cultura em Freud não é, portanto, uma via de mão única, mas uma dialética coconstitutiva. A clínica fornece o método de leitura, a chave hermenêutica, enquanto a cultura oferece o vasto texto universal que, uma vez decifrado, refina e valida a própria chave.

Os sonhos e os chistes como formação do inconsciente

A análise dos chistes (piadas, ditos espirituosos) representa um dos momentos mais brilhantes da aplicação do método freudiano a um objeto aparentemente trivial. Em sua obra “Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente”, Freud (1905/2006b) eleva a piada (Witz) ao estatuto de uma das formações do inconsciente, ao lado dos sonhos, atos falhos e sintomas. Ele demonstra, com uma profusão de exemplos e uma análise minuciosa, que os mecanismos psíquicos em jogo na produção de um chiste, como a condensação (junção de palavras, formação de palavras mistas) e o deslocamento (desvio do sentido), são exatamente os mesmos que ele havia descrito no trabalho do sonho. Sublinha-se que ambos os fenômenos obedecem à sobredeterminação inconsciente, de modo que “o processo psíquico que vimos como deslocamento onírico se revelará não como processo patologicamente perturbado, mas como processo diferente do normal, de natureza mais primária” (Freud, 1900/2019, p. 198).

A análise de Freud vai além da técnica do chiste e investiga suas finalidades. Ele mostra como a piada permite que um pensamento hostil ou obsceno, normalmente barrado pela censura social e psíquica, encontre uma via de expressão e seja recebido com prazer (o riso) pelo ouvinte. O humor funciona como um álibi que permite que uma verdade recalcada seja dita de forma socialmente aceitável. Ao analisar a agressividade latente e a transgressão

autorizada que o chiste veicula, Freud revela como o prazer cômico provém de uma economia de gasto psíquico, seja o gasto com a inibição (no chiste hostil), seja com a compaixão (no humor): “Os sonhos servem predominantemente para evitar o desprazer, os chistes, para a consecução do prazer; mas para estas duas finalidades convergem todas as nossas atividades mentais” (Freud, 1905/2006b, p. 118).

Essa análise minuciosa de um fenômeno cotidiano reforça a tese central de Freud (1901/2006) sobre a psicopatologia da vida cotidiana: o inconsciente não é um abismo restrito aos doentes mentais, mas uma instância ativa e presente em todos os aspectos da vida psíquica normal. Esse argumento permitiu a Freud se interessar pelos mais banais fenômenos, sejam clínicos, sejam cotidianos, como efeitos de uma lógica inconsciente. Esses fenômenos, que não despertavam interesse pela ciência de sua época, tornaram-se ricos materiais de análise e revelaram uma verdade do inconsciente: a dinâmica entre desprazer e prazer. Curioso notar como o psicanalista, na posição de pesquisador, aponta para um limite da própria ciência, que deve ser contornada pela escuta em nível da linguagem:

Mas a que se prendem essas diferenças na retenção de lembranças da infância, e que significado deve ser-lhes atribuído? Evidentemente, não basta compilar material para responder a essas perguntas por meio de um questionário; falta, além disso, elaborar esse material, e desse processo a pessoa que fornece a informação precisa participar (Freud, 1901/2006, p. 36).

Mitos como estruturas fundantes

A mitologia ocupa um lugar central na construção do pensamento freudiano. Argumenta-se que a própria descoberta da Psicanálise se deu a partir de uma triangulação de experiências fundamentais de Freud: a escuta clínica de seus pacientes, sua rigorosa autoanálise e sua imersão na experiência da alma humana por meio dos mitos. Freud (1913/2006) não via os mitos como fábulas ingênuas ou pré-científicas, mas como narrativas que continham verdades profundas sobre a constituição do inconsciente e da civilização. O recurso sistemático à mitologia auxiliou a preencher lacunas na teorização, especialmente quando se tratava de pensar as origens do sujeito, da sexualidade, da cultura e da lei.

O exemplo mais célebre é, sem dúvida, o mito de Édipo, que lhe forneceu a estrutura para pensar o complexo nuclear das neuroses. Mas seu uso da mitologia vai muito além. Em “Totem e Tabu” (Freud, 1913/2006), ele constrói o que chamou de *mito científico* da horda primeva e do assassinato do pai para teorizar sobre a origem da cultura, da moral e da religião, ligando o complexo de Édipo individual à história filogenética da espécie. Em “O Mal-estar na Civilização” (Freud, 1930/2006), ele se apropria do mito grego de Eros para formular sua teoria das pulsões de vida e de morte. E em sua última grande obra, “Moisés e o Monoteísmo” (Freud, 1939/2006), ele analisa os mitos fundadores da tradição judaico-cristã para pensar a transmissão da lei e a constituição do monoteísmo. Para Freud (1913/2006), os mitos funcionam como estruturas narrativas que dão forma aos impasses fundamentais da condição humana, e o método psicanalítico seria a ferramenta capaz de decifrar o conteúdo psíquico latente nessas estruturas: “[A psicanálise] começou por descobrir a gênese dos sintomas neuróticos

e foi levada, à medida que o tempo passava, a voltar sua atenção para outras estruturas psíquicas e a construir uma psicologia genética que também se lhe aplicasse” (p. 128).

A arte, literatura e a sublimação

Como um ávido admirador e colecionador de arte, especialmente de antiguidades, Freud dedicou vários de seus escritos à tentativa de compreender o processo de criação artística e o efeito que as obras de arte exercem sobre o espectador. Sua abordagem era lógica e sustentava-se em sua compreensão da Psicanálise como uma disciplina científica para analisar e decompor racionalmente a origem, a função e os efeitos da arte. Freud (1914/2006), em seu ensaio “O Moisés de Michelangelo”, argumenta que o que nos prende tão intensamente a uma obra de arte é a intenção do artista, na medida em que ele consegue expressá-la e nos fazer compreendê-la. Esse processo, segundo ele, transcende a mera compreensão intelectual; o objetivo do artista é despertar em nós a mesma constelação mental e atitude emocional que o impulsionou a criar. Questionando por que essa intenção não pode ser simplesmente comunicada em palavras, como outros fatos da vida psíquica, Freud sugere que, “talvez, no que concerne às grandes obras de arte, isso nunca seja possível sem a aplicação da psicanálise” (p. 143).

Freud manteve ao longo de toda a sua obra um diálogo profundo e constante com a literatura. Ele não via os grandes escritores apenas como fontes de ilustrações para suas teorias, mas como verdadeiros precursores, pesquisadores da alma humana que, por meio da intuição poética, haviam chegado a conhecimentos que a Psicanálise só mais tarde formalizaria cientificamente. Em uma famosa carta a Arthur Schnitzler, ele se refere ao escritor como seu “duplo” (*Doppelgänger*), confessando um temor de encontrar alguém que sabia, por intuição, aquilo que ele precisava descobrir por meio de um trabalho laborioso. Para Freud (1919/2006), os poetas e romancistas, muito antes dos psicanalistas, souberam apreender e revelar o sentido contraditório e ambivalente da existência humana.

Seu método de análise literária consistia em aplicar as ferramentas da interpretação dos sonhos e da análise de sintomas às obras de ficção. Autores como Sófocles, em *Édipo Rei*, e Shakespeare, em *Hamlet*, são convocados repetidamente em sua obra não como meros exemplos, mas como provas da universalidade do Complexo de Édipo e da ambivalência em relação à figura paterna. A relação entre Psicanálise e literatura, inaugurada por Freud (1907/2006), mostrou-se um campo de pesquisa tão profícuo que se sustenta com vigor até os dias de hoje, explorando as múltiplas possibilidades e os limites desse diálogo interdisciplinar: “como não temos acesso a essas fontes ocultas na mente do autor, concedamos-lhe seu irrestrito direito de basear uma narrativa totalmente verossímil numa premissa improvável” (p. 25).

Sua pesquisa sobre a arte desdobrou-se em múltiplas direções. Uma delas foi a psicobiografia, ou “patografia”, na qual ele buscava entender a obra a partir da vida psíquica do artista. O exemplo mais notável é “Leonardo da Vinci e uma Lembrança da sua Infância”, em que, a partir de uma única lembrança de infância relatada pelo artista, Freud (1910/2006) constrói uma complexa teoria sobre sua homossexualidade, sua sede de saber e sua genialidade artística, propondo o conceito de sublimação como o destino não-repressivo

da pulsão sexual. A análise das obras de um artista ajuda a pensar sua relação com o que do infantil permanece no adulto, uma vez que o trabalho artístico também é uma forma de continuidade da investigação sexual empreendida pelas crianças.

A psicobiografia se afirmou como um método de análise que busca interpretar uma obra de arte a partir da biografia do artista e, inversamente, analisar a vida do artista por intermédio de sua obra. Nessa perspectiva, a obra de arte é tratada como uma formação do inconsciente, similar a um sonho ou sintoma, que pode ser decifrada para revelar as fantasias e desejos irrealizados do seu criador. Ao problematizar a recusa da psicobiografia como método de pesquisa, Freud (1910/2006) argumenta que a aversão dos acadêmicos a esse método é frequentemente justificada pelo pretexto da alegação de que a investigação das divisões subjetivas de um artista não explica sua genialidade. Para Freud, os verdadeiros motivos dessa resistência residem no processo de idealização que o biógrafo, e por extensão o leitor, projeta sobre o autor da obra. Movidos por uma afeição pessoal e por fantasias infantis, eles buscam incluir o autor elevado à categoria de herói em sua galeria de modelos, eliminando qualquer vestígio de fraqueza, imperfeição ou das lutas internas que marcam a divisão subjetiva. Ao fazerem isso, sacrificam a verdade em nome de uma ilusão, apresentando uma figura ideal e distante, e abandonam a oportunidade de investigar os “mais fascinantes segredos da natureza humana” (p. 79), que estariam justamente no processo de sublimação dessas mesmas imperfeições.

Falbo (2017) aponta que, ainda que a sublimação seja um conceito central para pensar a criação artística, Freud não produziu um trabalho definitivo sobre o tema. A sublimação é entendida como um dos destinos possíveis para a pulsão, distinto do recalque. É um processo que carrega uma conotação de valor e elevação, sendo uma das saídas mais interessantes para as exigências que a civilização impõe ao gozo pulsional. Por meio da sublimação, o artista consegue fazer algo com seu gozo, criando obras que permitem a outros também usufruir delas, o que o diferencia do neurótico, cujas fantasias repetitivas o isolam. No entanto, a abordagem de Freud em seu estudo sobre Leonardo da Vinci gerou controvérsias e abriu caminho para as psicobiografias, que Lacan criticou duramente. A crítica a essa abordagem afirma a psicobiografia como um desvio reducionista. O erro fundamental do método é confundir a função que a obra tem para o artista com a função que ela desempenha para o público, tratando o trabalho artístico como um véu a ser interpretado, em vez de uma estrutura simbólica autônoma. Para Lacan (1971/2009), o efeito profundo que uma obra provoca no espectador está ligado à sua composição e arranjo, não a um suposto acesso ao inconsciente do artista. Portanto, a crítica lacaniana sustenta que o psicanalista não deve se posicionar como um psicanalista do artista, pois o artista, em seu fazer, sempre precede o analista no que diz respeito ao saber sobre o inconsciente.

Fundamentos para entrevistas semiestruturadas orientadas pela Psicanálise

Para fundamentar o uso de entrevistas semiestruturadas na pesquisa psicanalítica, partimos da indicação de Freud (1912/2006) de que, em Psicanálise, a pesquisa está intrinsecamente atrelada à clínica e seu método. Embora a regra fundamental da associação

livre, articulada à transferência, seja o dispositivo clínico por excelência, o princípio metodológico que a sustenta é a primazia da fala como via de acesso ao sujeito do inconsciente. Esse sujeito não é concebido como uma entidade ontológica, mas como um efeito que se constitui e se presentifica na ordem do significante, emergindo nos equívocos e na própria estrutura da linguagem. É ao criar um espaço para que a fala se manifeste que a pesquisa pode se aproximar de seu objeto, pois, como aponta Lacan (1953/1998), “Nada há de criado que não apareça na urgência, e nada na urgência que não gere sua superação na fala” (p. 242).

Esse recurso pode ser localizado em importantes obras na história da Psicanálise no Brasil. Identificamos como um dos principais exemplos a pesquisa empreendida por Neusa Santos Souza (1983/2021), no início da década de 1980. Souza desenhou um estudo qualitativo focado em aprofundar a experiência de ascensão social de pessoas negras. A estratégia metodológica central consistiu em convidar cada um dos dez participantes a realizar uma série de, em média, cinco entrevistas. Esse método de encontros múltiplos foi fundamental para a construção detalhada de uma “história de vida” para cada caso. A partir dessa abordagem, a pesquisa buscou investigar o processo de constituição subjetiva dos sujeitos em uma sociedade multirracial, racista e de hegemonia branca, que paradoxalmente promovia a ideologia da democracia racial. O aprofundamento proporcionado pelas múltiplas entrevistas revelou a complexidade dos atravessamentos sociais e singulares, como a expectativa dos participantes de que a pesquisadora fosse branca, um dado que por si só validava o enfoque investigativo adotado.

No contexto da pesquisa qualitativa, a entrevista clínica de inspiração psicanalítica emergiu como uma possibilidade de ferramenta metodológica. Ela representa uma adaptação da escuta clínica desenvolvida no consultório para o campo da investigação social e acadêmica. A entrevista psicanalítica, em seu formato clínico tradicional, é considerada a forma mais radical de entrevista não estruturada, na qual a associação livre do paciente dirige inteiramente o processo e o analista intervêm minimamente. Para uma pesquisa, esse modelo é adaptado. Por isso, levantamos a hipótese de que o dispositivo da entrevista de pesquisa pode ser concebido como uma extrapolação das entrevistas preliminares de uma análise, um momento de avaliação e de escuta inicial da posição subjetiva do entrevistado.

A fundamentação para uma abordagem de entrevista que valoriza a fala espontânea do sujeito pode ser encontrada em Freud (1913/2010). Em seu texto sobre o começo do tratamento, o autor destaca que a complexidade da vida psíquica se opõe a qualquer rigidez técnica. Ele descreve o contato inicial como o próprio início da Psicanálise, que deve seguir suas regras fundamentais. A principal delas seria a de uma escuta que privilegia a associação livre do paciente em detrimento das intervenções do analista, pois, “nele [início do tratamento ou na entrevista], se deixa o paciente falar quase todo o tempo e não se explica nada mais do que o absolutamente necessário para fazê-lo prosseguir no que está dizendo” (p. 76). Tal diretriz é essencial para a condução de entrevistas semiestruturadas de orientação psicanalítica.

A modalidade que melhor representa essa adaptação é a entrevista semiestruturada. Ela surge como uma solução de compromisso metodológico, combinando um roteiro com perguntas-chave, que garantem o foco nos objetivos da pesquisa, com a flexibilidade de uma conversa aberta, que permite ao pesquisador explorar temas emergentes e seguir as

associações do entrevistado. A escolha por essa modalidade se justifica epistemologicamente pela expectativa, compartilhada com a pesquisa qualitativa, de que a realidade não é um dado objetivo a ser coletado, mas uma construção que emerge no campo intersubjetivo da própria entrevista. Do que o pesquisador orientado pela Psicanálise não deve se esquecer é a compreensão de que a intersubjetividade pressupõe uma continuidade imaginária interrogada pela própria incidência da linguagem como elemento terceiro. Assim, o “inconsciente é a parte do discurso concreto, como transindividual, que falta à disposição do sujeito para restabelecer a continuidade de seu discurso consciente” (Lacan, 1953/1998, p. 260).

A aplicação desse método, no entanto, não é apenas uma questão técnica, mas fundamentalmente ética. A condução de uma entrevista de inspiração psicanalítica exige do pesquisador mais do que habilidade; requer conhecimento teórico-metodológico, uma postura de acolhimento e a capacidade de manejar os efeitos transferenciais que sua escuta inevitavelmente produz. A entrevista não é uma mera “coleta de dados”, mas um acontecimento, um campo intersubjetivo no qual sentidos são constituídos e no qual a narrativa pode ter efeitos de ressignificação para o próprio entrevistado. O pesquisador deve estar ciente de que, ao convidar alguém para falar de sua história, ele está abrindo um espaço que pode mobilizar afetos intensos, oferecendo tanto o risco de sofrimento quanto a possibilidade de elaboração. Isso implica uma responsabilidade ética fundamental. A formação do pesquisador psicanalítico, portanto, não pode se restringir ao domínio acadêmico; ela pressupõe a experiência da análise pessoal, pois o método é inseparável da posição ética daquele que o maneja. Ao aplicar o método a fenômenos sociais, o pesquisador deve ter ainda o cuidado de atentar para as determinações históricas e sociais que constituem o sujeito e de delimitar com rigor os campos da Psicanálise em relação a outros campos (Martins et al., 2025).

Pinto (2009) propõe que uma política ética de pesquisa em Psicanálise persegue dois objetivos. Primeiramente, visa legitimar a sua especificidade científica, impondo sua metodologia singular diante dos padrões acadêmicos hegemônicos. O pesquisador explora seu objeto de pesquisa dando primazia aos significantes que o circundam, de certa forma fazendo uma suspensão dos discursos prontos que ali poderiam reivindicar algum saber.

Em um segundo momento, o autor enfatiza que a pesquisa é um processo de transformação subjetiva do pesquisador, invariavelmente envolvido com seu objeto: em vez de apenas dominar e ministrar um conteúdo, ele, por meio da relação com este, renova sua própria relação com o campo psicanalítico. Destaca-se aqui a primazia da práxis psicanalítica. O pesquisador em Psicanálise produz saber a partir de um enigma. Escuta e escreve, não como relatório, mas como fala, à medida de uma associação livre. Nesse sentido, o pesquisador se aproxima da posição de um analisante, movido e instigado pela sua própria investigação, em confronto com a alteridade da teoria (Oliveira & Tafuri, 2012).

Nesse cenário, descansa a possibilidade de transformar a entrevista semiestruturada em uma estratégia clínico-interpretativa que privilegie o encadeamento de elementos essenciais para sistematizar um processo de investigação, desde que determinados cuidados sejam tomados para o proveito da técnica. Pensando nisso, salientam-se possíveis diretrizes para uma entrevista semiestruturada com inspiração psicanalítica.

Freud (1913/2010), em suas indicações para o início do tratamento, estabelece orientações, perpassando por cuidados básicos com horário e postura pessoal do analista até considerações fundamentais acerca das técnicas para o início de uma análise. Muito se pode beber de suas contribuições para o manejo de uma entrevista semiestruturada, entendendo que todo o esforço é o de sustentar o estabelecimento de um enquadre, ou *setting* propício à investigação do inconsciente. Por exemplo, indicar para o entrevistado, logo no começo, todos os combinados da entrevista, os princípios de confidencialidade, os limites de tempo e as orientações para a sua fala. Nessas orientações para o discurso, cabe talvez algo análogo ao convite à associação livre, por meio de uma metáfora ou indicação. Como o aceno basal de Freud de imaginar-se em um trem em movimento, descrevendo a paisagem.

Fundamental para isso é a abstinência do analista, expressada na sua capacidade de espelhar o sujeito, refletindo apenas o que lhe é apresentado pelo analisando. Apenas assim se criará um campo seguro e consistente no qual a associação livre por parte do entrevistado possa aparecer como possibilidade. Argumenta-se que é esse o caminho para que, no contexto de uma entrevista, o entrevistador consiga descansar o suficiente sua atenção para se ater aos elementos surpreendentes no discurso do entrevistado, suas ironias, ditos espirituosos e demais elementos que representam a emergência de algo além no seu discurso, representado pela ação do inconsciente sobre a linguagem, a insurgência desse Outro que é, “justamente, o lugar do tesouro” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 122).

É necessário que algo do que é estruturado na entrevista seja provisoriamente esquecido a partir de seu início, ou seja, o que há de estruturado deve fazer-se necessário apenas no ponto em que dispara a fala do entrevistado. Não se prescreve um abandono total do roteiro, já que pode incorrer a necessidade de o pesquisador retomar, ou iniciar, novos tópicos relevantes a sua pesquisa, no entanto considera-se importante colocá-lo em suspensão em momento auspicioso para a celebração do andamento da fala, que fará romper a novidade inconsciente do discurso.

Essa própria maneira de se fazer pesquisa é o que possibilitará a contribuição psicanalítica ao campo científico, propriamente a de demonstrar as dinâmicas do sujeito em relação às causas do seu desejo. O que aparece nas frestas do discurso irrompe na forma do que Mendes e Paravidini (2020) referenciam como método de ruptura de campo, que tensionam o sentido das teorias. Semelhantes ao senso comum, essas teorias “podem ter a função sintomática da repressão do desejo. Ao aplicar o método, o investigador abre o caminho para que o desejo possa surgir. Eis o diferencial da investigação psicanalítica” (p. 53). Nesse sentido, não apenas a ruptura do campo científico, mas a ruptura dos sentidos estabelecidos no discurso do entrevistado, processo que evidencia o que ali emerge de contraditório na linguagem ou no silêncio.

O entrevistador deve preocupar-se em desafiar realidades aparentemente estáveis, questionando o conhecimento que se apresenta como autoevidente e irrefutável. Ainda que as perguntas, e as palavras escolhidas para construí-las, possam servir como disparadoras, deve-se cuidar para que os conceitos, objetos de pesquisa, não se cristalizem. O conceito, como significado, não é uma coisa estável, mas um efeito temporário e deslizante que surge do movimento na cadeia significativa, e por isso ele nunca está completo.

O entrevistador ouve atentamente como o entrevistando utilizará os significantes que lhe são oferecidos em pergunta, como quem observa a produção de um conhecimento, ou, para utilizar a metáfora de Lacan (1959-1960/2008), assiste um artesão trabalhando na construção de um vaso. Um ato de criação que dá um contorno, uma borda, a um vazio central e traumático. Não seria algo semelhante à atividade do entrevistando, ao procurar respostas de sua vivência para o que dispara a pergunta do entrevistador? O momento em que ele se dá a responder é também o momento quando a sua narrativa será construída naquele momento presente. Como diz Lacan (1953/1998), “Seus meios são os da fala, na medida em que ela confere um sentido às funções do indivíduo; seu campo é o do discurso concreto, como campo da realidade transindividual do sujeito; suas operações são as da história, no que ela constitui a emergência da verdade no real” (p. 259).

Um dos efeitos disso talvez possa ser observado quando um entrevistando, após a entrevista, pede para iniciar um processo de análise. Esse pedido não se configura como uma requisição de reparação pela participação na pesquisa, como alertado pela Resolução n.º 466/2012, mas um endereçamento para dar consequências ao que foi produzido na emergência da fala. Vê-se nesse pedido, conforme já observado por Souza (1983/2021), o sinal de que a construção narrativa criada durante a entrevista, sob algo de um vínculo formado entre a tríade entrevista, entrevistador e entrevistando, serve de elaboração suficiente para fazer surgir um atravessamento que culmina em uma demanda de trabalho analítico. É indicativo também do efeito da possibilidade de construção da transferência pela suposição de um saber no pesquisador. Talvez seja possível conjecturar que durante a entrevista algo do inconsciente suscita a enunciação? Mas não apenas, já que o processo de colocar a própria história em questão talvez seja suficiente para fazer surgir um interesse em si mesmo, característico dos inícios de uma retificação subjetiva. Não obstante uma resposta direta, não está nisso algo do que Freud (1913/2010) faz referência ao entender que as entrevistas preliminares muitas vezes servem como o ensaio de um tratamento? Elas próprias “o início de uma psicanálise” (p. 76).

Como se vê, Freud (1913/2010) completa dizendo que, como representam esse início, devem seguir suas regras fundamentais da associação livre e da escuta flutuante. Nesses argumentos se instala a capacidade de encarar a entrevista semiestruturada, como método de pesquisa em Psicanálise, não apenas algo análogo às entrevistas preliminares, mas seu sucedâneo metodológico por conter em si a potencialidade de efeitos analíticos ao possibilitar a emergência do sujeito do inconsciente e construções significantes.

Considerações finais

A política de pesquisa em Psicanálise deve ser, antes de tudo, coerente com seus princípios éticos. A percepção de que a Psicanálise não necessita do amparo da ciência para sobreviver não pode justificar um isolamento. Tampouco deve levá-la a uma posição de mera denúncia contra os discursos hegemônicos. Ao contrário, a Psicanálise deve participar ativamente dos esforços da pesquisa, contribuindo para o laço de sua ética. Em um paradigma científico que, argumenta-se, exclui o sujeito,

. . . a psicanálise deve, ao contrário, manter seu lugar de exceção dentro do campo científico, mostrando com o mesmo rigor das ciências que é exatamente a angústia da desestabilização dos conceitos, das lacunas teóricas, o que coloca o sujeito em movimento, como acontece com um analisante (Pinto, 2009, p. 16).

Como apontam Martins et al. (2025), a teoria psicanalítica ocupa historicamente um “entre-lugar” (p. 8), caracterizado tanto pela transgressão de limites quanto pela integração de diferentes saberes, desafiando-os enquanto reflete criticamente sobre si mesma. Essa noção é pautada na história de sua interseção com as artes, os mitos, a linguística e além. Para todos esses contatos, a associação livre permanece a via régia para o trabalho analítico. Postula-se a entrevista semiestruturada como método de pesquisa e continuidade da historicidade da Psicanálise na ciência. Ainda que não seja um método inovador no campo científico, já que é estabelecido no campo das ciências humanas, destacar sua relevância para o campo psicanalítico é um esforço que reconhece a necessidade de pôr em constante e permanente discussão os seus métodos. Como perspectivas futuras, faz-se necessário aprofundar estudos a respeito das características das transferências que podem ser identificadas e trabalhadas no contexto de entrevistas semiestruturadas e outras ferramentas metodológicas orientadas pela Psicanálise.

Referências

- Falbo, G. (2017). A-bordagens da arte em Psicanálise: sublimação, psicobiografia e sinthoma. *Opção Lacaniana Online*, 22, 1-13. Recuperado em 14/09/2025 em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_22/a-bordagens_da_arte_pela_psicanalise.pdf>
- Freud, S. (2006). Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. In Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. VI, pp. 3-180). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1901).
- Freud, S. (2006a). Fragmentos da análise de um caso de histeria (Dora). In Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. VII, pp. 15-120). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1905).
- Freud, S. (2006b). Os chistes e a sua relação com o inconsciente. In Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. VIII, pp. 3-155). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1905).
- Freud, S. (2006). Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen. In Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. IX, pp. 15-91). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1907).
- Freud, S. (2006). Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XI, pp. 37-83). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1910).
- Freud, S. (2006). A dinâmica da transferência. In Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XII, pp. 111-122). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1912).
- Freud, S. (2006). Totem e tabu. In Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XIII, pp. 3-115). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1913).

- Freud, S. (2006). O Moisés de Michelangelo. In Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XIII). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1914).
- Freud, S. (2006). O estranho. In Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XVII, pp. 273-318). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1919).
- Freud, S. (2006). Uma breve descrição da Psicanálise. In Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XIX, pp. 215-234). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1924).
- Freud, S. (2006). O mal-estar na civilização. In Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XXI, pp. 73-149). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra original publicada em 1930).
- Freud, S. (2006). Moisés e o monoteísmo. In Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XXIII, pp.19-151). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra original publicada em 1939).
- Freud, S. (2010). Sobre o início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise). In Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XII, pp. 139-158). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1913).
- Freud, S. (2019). *A interpretação dos sonhos*. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1900).
- Guérios, E. (2021). A plataforma Brasil e os comitês de ética em pesquisa na área de humanidades. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 9(22), 565-581. Recuperado em 14/09/2025 em: <<https://doi.org/10.33361/RPQ.2021.v.9.n.22.509>>
- Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise. In Lacan, J. *Escritos* (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1953).
- Lacan, J. (1998). A ciência e a verdade. In Lacan, J. *Escritos* (pp. 869-892). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1966).
- Lacan, J. (1999). *O seminário, livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1957-1958).
- Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In Lacan, J. *Outros escritos* (pp. 248-264). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1967).
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 7: A ética da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1959-1960).
- Lacan, J. (2008). *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1964).
- Lacan, J. (2009). *O Seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1971).
- Lebrego, A. M. & Pena, B. F. (2021). The writing of clinical cases: from the effects on the analyst and the transmission of psychoanalysis. *Research, Society and Development*, 10(11), e296101119639. Recuperado em 14/09/2025 em: <<https://doi.org/10.33448/rsd-v10i11.19639>>

- Martins, A. S., Alves, M. C. S. & Torres, M. R. S. (2025). Contingências da relação entre Psicanálise e transdisciplinaridade: uma revisão sistemática (2012–2022). *Analytica: Revista de Psicanálise*, 13(25). Recuperado em 14/09/2025 em: <<https://doi.org/10.69751/arp.v13i25.5407>>
- Mendes, R. C. C. S. & Paravidini, J. L. L. (2020). Psicanálise em pesquisas: o método investigativo e algumas afirmações essenciais a duas críticas recorrentes. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 23(3), 47-56. Recuperado em 14/09/2025 em: <<https://doi.org/10.1590/1809-44142020003003>>
- Miller, J.-A. (2006). *El Otro que no existe y sus comités de ética*. São Paulo: Paidós.
- Muylaert, C. J., Sarubbi Jr, V., Gallo, P. R., Neto, M. L. R. & Reis, A. O. A. (2014). Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 48(spe2), 184-189. Recuperado em: 17/03/2026 em <<https://doi.org/10.1590/S0080-623420140000800027>>
- Oliveira, N. R. & Tafuri, M. I.. (2012). O método psicanalítico de pesquisa e a clínica: reflexões no contexto da Universidade. *Revista Latinoamericana de Psicopatología Fundamental*, 15(4), 838-850. Recuperado em 17/03/2026 em: <<https://doi.org/10.1590/S1415-47142012000400007>>
- Pinto, M. J. (2009). Uma política de pesquisa para a Psicanálise. *CliniCAPS*, 7(2), 1-18. Recuperado em 14/06/2025 em: <<https://biblat.unam.mx/hevila/CliniCAPS/2009/no7/2.pdf>>
- Resolução n.º 196, de 10 de outubro de 1996. Aprova as seguintes diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Conselho Nacional de Saúde.
- Resolução n.º 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova as seguintes diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Conselho Nacional de Saúde.
- Resolução n.º 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em ciências humanas e sociais. Conselho Nacional de Saúde.
- Souza, N. S. (2021). *Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1983).

**Semi-structured interviews in psychoanalytic research:
a wager on the emergence of the subject of the unconscious**

Abstract

Research in psychoanalysis originates with Freud's discovery of the unconscious, which established free association and the case study as fundamental devices that intrinsically connect treatment and investigation. This article aims to examine the relevance of semi-structured interviews in psychoanalytically oriented research. To this end, a bibliographic review was conducted on the research methods employed by Freud and later developed by Lacan, as well as on contemporary works discussing the articulation between semi-structured interviews and psychoanalysis. Psychoanalytic theory advances through the singularity of each case, which simultaneously challenges and enriches the theoretical corpus. By positing that the unconscious is structured like a language, Lacan introduced topological tools that formalize the theory, shifting psychoanalytic knowledge beyond the interpretation of meanings toward the logical structures governing the subject's discourse. In this context, the transmission of psychoanalytic knowledge through the medium of the scientific article presents significant methodological challenges. A tension emerges between the specificity of psychoanalytic methodology and the requirements of research ethics committees, particularly in the Brazilian context. Ethical standards such as informed consent and confidentiality pose obstacles to the publication of clinical cases, a central method in psychoanalysis. As a possible alternative within the current academic framework, this article suggests the use of semi-structured interviews, which grant access to the participant's speech while preserving psychoanalytic ethics and sustaining the commitment to theoretical advancement through the emergence of the subject of the unconscious and the pluralization of forms of enunciation.

Keywords: Qualitative research. Semi-structured interview. Discourse. Enunciation. Research in psychoanalysis.

**Entrevistas semiestructuradas en investigación psicoanalítica:
una apuesta por la emergencia del sujeto del inconsciente**

Resumen

La investigación en psicoanálisis tiene su origen en el descubrimiento del inconsciente por parte de Freud, quien instituyó la asociación libre y el estudio de caso como dispositivos fundamentales para articular tratamiento e investigación. El objetivo de este artículo es examinar la pertinencia del uso de entrevistas semiestructuradas en investigaciones orientadas por el psicoanálisis.

Para ello, se realizó una revisión bibliográfica de los métodos de investigación empleados por Freud y posteriormente retomados por Lacan, así como de trabajos contemporáneos que discuten la articulación entre entrevistas semiestructuradas y psicoanálisis. La teoría psicoanalítica avanza a partir de la singularidad de cada caso, que simultáneamente cuestiona y enriquece el cuerpo conceptual universal. Al postular que el inconsciente está estructurado como un lenguaje, Lacan introdujo herramientas topológicas que formalizan la teoría, desplazando el saber psicoanalítico de la interpretación de significados hacia el análisis de las estructuras lógicas que rigen el discurso del sujeto. En este sentido, la transmisión del saber psicoanalítico a través del artículo científico plantea desafíos metodológicos significativos. Se observa una tensión entre la especificidad de la metodología psicoanalítica y las exigencias de los comités de ética en investigación, particularmente en el contexto brasileño. Normas éticas como el consentimiento informado y la confidencialidad constituyen obstáculos para la publicación de casos clínicos, un recurso central en el psicoanálisis. Como alternativa posible en el marco académico actual, se propone el uso de entrevistas semiestructuradas, que permiten acceder a la palabra del participante, preservando la ética psicoanalítica y manteniendo el compromiso con el avance teórico mediante la emergencia del sujeto del inconsciente y la pluralización de las formas de enunciación.

Palabras clave: Investigación cualitativa. Entrevista semiestructurada. Discurso. Enunciación. Investigación en psicoanálisis.

Entretiens semi-structurés en recherche psychanalytique : un pari sur l'émergence du sujet de l'inconscient

Résumé

La recherche en psychanalyse trouve son origine dans la découverte de l'inconscient par Freud, qui a institué l'association libre et l'étude de cas comme dispositifs fondamentaux articulant traitement et investigation. L'objectif de cet article est d'examiner la pertinence du recours aux entretiens semi-structurés dans les recherches orientées par la psychanalyse. À cette fin, une revue bibliographique a été réalisée sur les méthodes de recherche employées par Freud et reprises par Lacan, ainsi que sur des travaux contemporains discutant l'articulation entre entretiens semi-structurés et psychanalyse. La théorie psychanalytique progresse à partir de la singularité de chaque cas, qui met simultanément à l'épreuve et enrichit le corpus théorique universel. En postulant que l'inconscient est structuré comme un langage, Lacan a introduit des outils topologiques visant à formaliser la théorie, déplaçant le savoir psychanalytique de l'interprétation des significations vers l'analyse des structures logiques qui gouvernent le discours du sujet. Dans ce contexte, la transmission du savoir psychanalytique par le médium de l'article scientifique constitue un défi méthodologique majeur. Une tension apparaît entre la spécificité de la méthodologie psychanalytique et les exigences des comités d'éthique de

Torres, M. R. S., Alves, M. C. S.

la recherche, en particulier dans le contexte brésilien. Des normes telles que le consentement éclairé et la confidentialité posent des obstacles à la publication de cas cliniques, méthode centrale en psychanalyse. Comme modalité possible dans le cadre académique actuel, cet article propose le recours aux entretiens semi-structurés, qui permettent l'accès à la parole du participant, tout en préservant l'éthique psychanalytique et en soutenant l'engagement envers l'avancement de la théorie à travers l'émergence du sujet de l'inconscient et la pluralisation des formes d'énonciation.

Mots-clés: Recherche qualitative. Entretien semi-structuré. Discours. Énonciation. Recherche en psychanalyse.

Recebido em: 14/09/2025

Revisado em: 08/11/2025

Aceito em: 23/11/2025